

Para consolo e amparo, entra, diga tuas queixas, vens buscar braços? Encontras meu vulto te obrigando a pedir perdão, nos últimos prazos aceitando alguns poucos cuidados. Carece de sentido que nomeies as razões, eu tampouco mencionaria as minhas. Os interesses dosificados não preenchem nem a metade da decepção consagrada.

Bastam as minhas penas, que queres mais, tirar proveito das minhas dores? Não há ar fresco nestes arredores, as sombras cheiram a ofensa, os maus tratos colorem os dias e envergonham as noites. As opiniões perderam sua originalidade para a manipulação orquestrada. Os danos seguem vigentes, superam a preservação com um desprezo tão grande que logo serão lei.

Estranho desvario as induz às obediências nada confortáveis. Por mera correspondência elas se prostram perante injustas induções. Desnadam-se para lobos inimigos, jazem aos seus pés, inclinadas, colaboram passivas com a imolação de suas inocências.

Entro, onde alegre me espera um animo generoso, uma acolhida sincera e um peito nobre que se abre ao abraço que tanto me falta.

Nela se retrata a imagem do desejo, entre o recato e a leveza, arrasta pendências plantadas. Anda despertando loucos amores, abundantes cobiças e uma inquieta ternura despojada. Vistosa, plena de maravilhas que a vida lhe ofereceu para transportar.

As insônias são aforismos inquietos. Com suas sombras, como romeiros, saem por aí, fugindo dos sonhos. Funcionam no compasso da vigília seduzindo visões fazendo-as crer que ali encontrarão abrigo.

Não costuma o amor presumir que o atropelo assume o lugar da prudência. Voa movido pela brevidade, sem saber que assim a satisfação nunca descansa. Obriga-se a fazer coisas mal feitas.

Porque não se reservam os silêncios que os segredos demandam obedecer? Perenes, desfilam dando crédito à espera do encontro com um eterno lugar de onde não poderão sair. Aprendem a aguardar, sem espantos veem o tempo partir. Jazem como calma-ria ao esperar e de pedra ao ficar no lugar de onde não se pode voltar.

Fora isso, por mim e por esta causa, reservo um tanto de paciência que me aconselha o tempo ao abraçar o mérito da espera. Embora queira algo mais, espero animar os anos com o corpo contente, privilegio dos realizados.

Substituindo o primeiro pelo último passo do amor. Insólito, atrevido, louco, temerário, muitas pretensões, poucas esperanças, veto a

temperança, voto pela desgraça, pela perda, pelas queixas, pelo velório que este término impõe, não solicita.

Já não serei teu hóspede, quais lembranças guardarás de mim? Sugiro alguma que tenha amor, será melhor que desamor, com dúvidas declaradas, será melhor que com ciúmes infundados, com novidades rompendo o ciclo da repetição, que se faça notar por ausência acabando com a aborrecida presença.

Nada deterá meu desespero quando ele alcançar meus pensamentos. Enormes rigores desbotam os dias que fugitivos escapam acelerados. Vagueiam buscando novos sentidos, longe, onde caibam e se brindem os valores e a falsidade entre em fadiga e fuja.

Já não me lembrarei de ti quando a tua ausência não for mais uma novidade. Já não te darei senhas do amor evidente nem verterás teus favores cumprindo obrigatórias contrapartidas. Substituindo o primeiro pelo último passo do amor.

Quanto mais te quero mais te fazes ausente, mais apareces sombra que corpo. Finalmente, aos bocados, dizes alguma invenção que equivale a um adeus para sempre.

Cato evidencias para saber com que desculpas desta vez voltarias. O pouco que posso entender é que com palavras gerais evitas dizer que o amor falta em ti, diferente daquele que reina em mim.

Não se restaura a vida passada, as virtudes guarnecidas e os pecados negados, os desterrados e os prêmios, as causas cumpridas e os truques ocultados. E palavras que mal anunciam um armistício com pretensão de chegar a ser uma absolvição.

Como um favor infinito, sobram palavras de estímulo ficando os melhores momentos premiados como marcas que consertam. Assim faço algumas poesias.

Andamos tão ocupados que saímos antes de chegar, acabamos antes de começar, desculpamos antes de fazer, respondemos antes de perguntar. Suspeito que vemos valor fora do próprio valor, então inventamos uma outra ordem que acolha o *nada* como se *tudo* fosse.

Falar de modo suave, quaisquer que sejam as palavras, os conteúdos, as orações. Assim não precisaremos calar, e se imperioso for, pelos perigos, em nome da prudência e do entendimento, aprenderemos a silenciar.

Privado das tuas ofensas, ganho com justiça este desejado espaço. Se te ofendo com o meu gosto poupa-me, não me atrole com a tua censura. Esta paz que alcanço pede imortalidade.

Todo amor merece cautela, pouco exercida, expondo-se aos destemperados giros que se fazem de desentendidos matando em segredo os animados sonhos.

A situação desencadeada desampara o cuidado que esperava ter de ti, em lugar de aqueceres, esfrias, me obrigas a seguir com a confiança ferida. Preciso de fortes favores, carícias débeis não aquecem esfriadas alegrias. Deixo em tuas mãos o ofício que confessa os apetites e as carências.

Temos os dois, certos destinos a cumprir, alcançar o amanhã para celebrar a porta que se fechou entre nós. Pagar com esquecimento o desgosto que não convém jamais desterrar.

Quando os amores de tantos anos lograrem a atração necessária, e as queixas desocuparem o lugar de um vulcão de desejos, minha cabeça me dará licença de escoar curiosidades, rastrear todos os encantos para que as loucuras e as ambições triunfem.

Povoado de breves e sutis desatinos tenho as intenções recolhidas na confusão, ofendido com menos estima e com razões ofendidas, entre milagres e disparates tornadas memórias um amor fracassado.

Novas esperanças aguardam para entrar na minha vida despejando fôlegos adoçados por incentivos alheios. Ainda há muito por fazer, mas não quero essas promessas que se usam como consolo. Quero compromissos com decoro e respeito, que se hospedem e venham para ficar.

Nos meus piores momentos tenho amores virulentos, ácidos; quando possuído não me peça facilidades nem concessões.

Arrogância ocupando o lugar da suavidade, ela nega, porém colocou-se escrava a serviço da imagem, justificou sua limitação em amar como uma escolha prudente. Não alcançou logros convincentes.

Seus afetos tinham ritmo, agudos, abundantes em energia. Seguiam o destino para o qual foram criados. Entre rituais transparentes e cerimônias clandestinas viviam perenes nas debilidades das tentações. Grudados no corpo acendiam dons abundantes fieis ao gozo outorgado como um fim supremo.

Entro em parte com a audácia, com a coragem, embora menos. Cresci entre facilidades e fatalidades, apatias e apertos. Dissimulei como se nada tivesse perdido, embora padeça pelo fim do teu e do meu amor.

Perdoa-me os excessos, não quero que te espantes com o volume apressado que sai como um cometa jorrando minha solidão na direção da tua doce acolhida.

O amor me mandou descobrir teus segredos. Histórias longas exigem tempo, afetos fortes, fincam profundas raízes. Os teus interesses não são meus, são de outros poderes. Condição pouco generosa esta que leva a lamentar do amor a ausência.

Melhor que falar da estupidez que levas pendurada como troféu será fazer de conta que não te conheci.

Não sairei daqui enquanto abundantes vontades se satisfaçam. Desejos se disfarçam de obrigações, imitam virtudes para que as tuas taras pareçam angelicais e tua sede de gozos fique ocultada nos excessos.

Hoje levo guardado quase o mesmo amor ou o que resta dele depois de tantas convivências, envolvido em descortesias que nunca tardas em chamar de exageradas formas de não reconhecer o tanto que dediquei, que ofertei. Sem reclamações menores, sem esperas inúteis contrapartidas, vou sabendo que o reconhecimento é ou não é natural, o resto é o resto.

Ando por todos os atalhos até vencê-la. Discreta ela nada me diz, espera que eu lhe desvende o que mais deseja. Entre demandas e respostas feitas as suas vontades não me espanto se ela me pedir que fique um pouco mais inventando coisas que até então acreditávamos impossíveis.

Permita-me a ofensa, vivo à sombra do teu silêncio, tentando me acostumar aos teus desinteresses. Minha honra resiste não quer prestar

serviços na hora de fugir. Não vim para servir, vim para fomentar boas ocasiões, para provar-te que a ameaça visa atormentar com desgraças irremediáveis, férteis euforias em juízo perdido.

A condição que me pedes não sei se poderei recolher todos os afetos distribuídos, as declarações de amor que fiz na tua ausência. Não sei se te contentas com novidades inventadas ou parciais memórias que a nada se igualam ao momento fértil da paixão.

O hábito de pensar em ti, me faz acertar contas diárias para não perder tempo na vida. Peço socorro à música e à poesia, corro atrás da inspiração, me livro da monotonia, ninguém se cala porque quer.

Não fugo da ocasião, entre desejos e desatinos abro lugares principais inventando esquecimentos para as lembranças amargas, enfeitando frustrados amores.

Teus olhos me fazem carinho, caminham fazendo-me imóvel, tocam o centro e iluminam as periferias, olhos ferozes cobrindo um cordeiro com medo, medindo competências. Para guardar algo imito um céu azul que esconde atrevido um sonho imenso deixado pra depois.

Sabor de boca nova, agravada pela poderosa vontade de beijar, não vos conto da língua que impaciente agitava como esgrima atacando e defendendo na procura por gostos desconhecidos. Decido se deixo minha honra ali ou se sigo guardando um pouco mais. Perco-me sem saber se o dom é aquilo que tenho pela frente, se avanço ou desembarco.



Posto que há confusão entre recepção e doação, confundo presenças com ausências, não sei quando procuro e quando encontro.